

Curso de extensão sobre pesquisa narrativa (auto) biográfica: possibilidades de pesquisa e de formação com professores

Extension course on (self) biographical narrative research: possibilities for research and teacher training

Curso de extensión sobre investigación narrativa (auto) biográfica: posibilidades para la investigación y la formación de profesores

Caio Corrêa Derossi  

Andrea Abreu Astigarraga  

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender e analisar a experiência de um curso de extensão sobre narrativas (auto) biográficas, a partir das impressões das cursistas, refletindo sobre os aspectos formativos da experiência. Para tanto, adotando uma abordagem qualitativa e um estudo de natureza bibliográfica, descritiva e de campo, o texto empreendeu na literatura especializada a apresentação dos principais conceitos teórico-metodológicos que nortearam o curso, como também, a descrição do contexto e dos instrumentos de pesquisa. A análise seguiu para o referencial proposto, considerando questões emergentes da condição feminina na sociedade. Ao fim, o artigo sinalizou para o potencial formativo dos cursos de extensão e o cruzamento das reflexões teórico-metodológicas com as trajetórias de vida, de obra e de formação.

Palavras-chave: Curso de extensão; Formação de professores; Pesquisa narrativa (auto) biográfica.

Abstract

This article aims to understand and analyze the experience of an extension course on (self) biographical narratives, based on the impressions of the course participants, reflecting on the formative aspects of the experience. To this end, adopting a qualitative approach and a bibliographical, descriptive and field study, the text used specialized literature to present the main theoretical and methodological concepts that guided the course, as well as describing the context and the research instruments. The analysis then moved on to the proposed framework, considering emerging issues of the status of women in society. In the end, the article points to the formative potential of extension courses and the intersection of theoretical and methodological reflections with the trajectories of life, work and training.

Keywords: Extension course; Teacher training; Narrative (self) biographical research.

Resumen

Este artículo pretende comprender y analizar la experiencia de un curso de extensión sobre narrativas (auto)biográficas, a partir de las impresiones de los participantes del curso, reflexionando sobre los aspectos formativos de la experiencia. Para ello, adoptando un abordaje cualitativo y un estudio bibliográfico, descriptivo y de campo, el texto recurrió a la literatura especializada para presentar los principales conceptos teóricos y metodológicos que orientaron el curso, además de describir el contexto y los instrumentos de investigación. El análisis prosiguió a partir del marco propuesto, considerando las cuestiones emergentes de la situación de la mujer en la sociedad. Por último, el artículo señala el potencial formativo de los cursos de extensión y la intersección de las reflexiones teóricas y metodológicas con las trayectorias vitales, laborales y formativas.

Palabras clave: Curso de extensión; Formación de profesores; Investigación (auto)biográfica narrativa.

Palavras iniciais

Escrever um relato de experiência acerca de um curso ministrado sobre a pesquisa (auto) biográfica nos implica, enquanto sujeitos-autores, de variadas formas. Não apenas pela mais óbvia, de participação, de organização do espaço, mas reflete, anteriormente, nossas trajetórias, nossos desejos e partilha alguns sentidos pensados e praticados acerca do trabalho e da formação.

Já é importante partilhar que o curso de extensão que será retratado foi uma proposta gerada e ofertada a partir do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto) Biográficos (GEPAS), cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, sediado no Centro de Filosofia, Letras e Educação (CENFLE), no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), no Ceará. O grupo historicamente desenvolveu atividades de ensino, pesquisa e extensão de forma presencial e híbrida, propondo mais momentos online, entre outros motivos, pelas necessárias imposições do período pandêmico e por ser uma possibilidade de alcançar mais participantes. O trabalho de Meneses e Souza (2022) retrataram algumas atividades de extensão propostas pelo grupo. Em termos de um percurso pessoal do primeiro autor, foi graças a realização de atividades remotas, que pude participar e se tornar integrante do grupo, uma vez que, tenho residência e trabalho em outro estado.

Cumpramos ressaltar que, em acordo com o entendimento de Neves (2010), o estudo (auto) biográfico permite a apresentação do eu, em várias facetas, justificando então, embora não sendo usual na escrita científica, o uso da primeira pessoa, retratando aspectos e impressões pessoais dos autores, como fora feito no parágrafo anterior. Vale sublinhar que, a experiência de rememorar, reinterpretar e analisar, considerando as intenções e os crivos da memória e do texto científico acerca de um espaço tão rico, como um curso de extensão, mobilizou refletir sobre os percursos vários que nos encaminharam até aqui, sobre o uso potente da tecnologia como forma de mediação, os silêncios e as falas durante os encontros. Aproveita-se também para destacar que durante o texto, os termos aula, encontro e/ou cursistas, alunos/as e respondentes, serão tomados como sinônimos, em prol da fluidez do texto e da não prolixidade. Entretanto, como será exposto, a organização do curso privilegiou o contato em forma de encontro, valorizando o diálogo e a postura não hierárquica da construção do conhecimento.

Já vale o destaque que, a escolha pelo uso do termo (auto) biográfico, grafado com parênteses, é para marcar, como ressaltaram Passeggi e Souza (2017), a subjetividade do método, as clivagens dos interesses de memória e a presença de um interlocutor que também compõe aquela narrativa. No mesmo sentido, a implicação marca movimentos de resistência e de não neutralidade, em uma proposta desenvolvida, baseada em uma história viva, como sublinhou Rüsen (2009), no sentido de que as narrativas se organizam em termos dos tempos e contextos, produzidos, escritos e lidos em dimensão pedagógica.

A ideia de resistência, é inspirada em Paulo Freire (2000), na medida que Moretti (2008), retratou que resistir é assumir uma postura política contrária as ideias hegemônicas, que evidencia uma tomada de consciência perante a própria história e os demais contextos

que se vive e que se produz. Para além disto, objetivamente, participar de um curso remoto, se dedicar às leituras e às propostas de atividade, em torno de um tema, que não segue parâmetros epistemológicos e teóricos da ciência moderna, e se ocupa como uma epistemologia política, pós-disciplinar e decolonial, como marcam Passeggi e Souza (2017), como as narrativas, representa um exercício de resistência potente.

Então, resistir aqui, se compõem em um duplo movimento: no de escrever, produzir, em um momento de ataques sociais a educação e ao educador na busca de continuar se formando, estudando, um tema, uma abordagem e um objeto que se distancia de uma perspectiva positivista. Logo, a proposição sai de um entendimento primeiro, restrito, de verbete de dicionário e mais óbvio de uma resistência sertaneja, severa, em um sentido de suportar adversidades, investidas contrárias ou um inimigo. Embora, esta última resistência também pese na vida de todos e, no caso específico, das cursistas, em distintas nuances.

A resistência preconizada aqui, é de seguir forte, diante aos ataques a profissão e as políticas públicas de formação de professores e seguir forte diante da busca por conhecimentos em uma área de investigação que contraria um significado abrangente de se fazer pesquisa. Por isto, fazer um curso de extensão e escrever sobre ele, em meio a questões particulares e globais, impelem um movimento de resistência.

É preciso assumir que narrar é um processo dialógico, repleto de interpretações de quem narra, como de quem escuta, e clivado por interesses, memórias e possibilidades de mudança. Narrar é ter a possibilidade de refletir sobre os sentidos e os significados atribuídos, em um movimento que se justifica, em partes, nos encontros pessoal e com o outro nas diversas dimensões.

A abordagem (auto) biográfica pode ser considerada em termos teóricos e metodológicos, no sentido que as narrativas, são consideradas como fontes, congregando aspectos subjetivos e das experiências inseridas nos contextos histórico-sociais. Esta configuração se encontra em duplicidade na experiência do curso narrado, já que, além de tema de reflexão, os dados trazidos pelas respondentes do formulário de avaliação, permitem refletir sobre aspectos globais e idiossincráticos das cursistas, das suas histórias de vida.

Logo, a proposição concorda com a perspectiva de Ferraroti (2010), no sentido de que o ser humano, a partir de sua práxis, evidencia uma apropriação singular com o mundo social e histórico. O termo práxis é utilizado na direção de que o sujeito conhece e transforma a realidade vivida, unindo aspectos teórico-práticos, as subjetividades e quesitos objetivos, retratados e materializados, no caso, pelas narrativas.

Portanto, este entendimento encaminha para a ideia de necessidade de reflexão constante do professor e de suas práticas. Ao fim, cumpre destacar que, o texto em muitas ocasiões se refere ao professor como um sujeito. A escolha por este vocábulo não retorna a uma aceção de submissão, mas sim, aquele que é protagonista da pesquisa, da cidadania, dos direitos, que é, na perspectiva narrativa, autor das suas trajetórias e dos seus saberes.

Neste sentido, as narrativas ocupam um espaço central dentro da investigação, por permitir, a partir da reflexão teórico-metodológica da temática, a sua abrangência

paradigmática na construção de olhares carregados por representações e memórias ao longo do tempo. Deste modo, Passeggi, Souza e Vicentini (2011) destacaram que as pesquisas e os pesquisadores das narrativas (auto) biográficas não buscam uma ideia positivista de verdade nas investigações, mas sim, compreender as experiências, as consciências e as aprendizagens dadas pela reflexão, durante o processo de biografização. Assim, para os autores (2011), o sujeito é agente e paciente da própria história, isto é, faz e sofre as ações, e de modo, reflexivo e criativo, podem reconstruir suas vidas e seus saberes. Logo, a reflexão parte das experiências e das práticas, com resistências variadas, das trajetórias narradas pelos sujeitos.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo compreender e analisar a experiência de um curso de extensão sobre narrativas (auto) biográficas, a partir das impressões das cursistas, refletindo sobre os aspectos formativos da experiência. Tal objetivo, partiu da questão principal que foi: Quais as possibilidades de pesquisa e de formação de um curso de extensão sobre narrativas (auto) biográficas? Para além disto, outras perguntas secundárias surgiram, no sentido de pensar: Quais as percepções sobre as aprendizagens durante o curso? Quais os interesses acerca da temática? Quais mobilizações que as narrativas (auto) biográficas poderiam exercer nas trajetórias de vida, de formação e de trabalho dos cursistas? Deste modo, o artigo empreendeu um movimento descritivo-analítico dos dados objetivos das respondentes, tencionando aspectos subjetivos, como da resistência que fora supracitado. Cabe também sublinhar que, os aspectos formativos da experiência podem ser percebidos nas respostas do formulário.

O artigo como o curso compreenderam tal como Manchur, Suriani e Cunha (2013), que a extensão é um pilar relevante da constituição universitária, em razão de uma relação e de um estabelecimento de um compromisso democrático e com a justiça social, no caso específico, de retornar para os professores em formação/em exercício possibilidade de reflexão de saberes e das suas práticas cotidianas. Este movimento que está prescrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), pode possibilitar uma transformação no campo do trabalho dos sujeitos envolvidos na sociedade, bem como, ser um fator de aprendizagem que conecte a produção acadêmica com o devido reconhecimento das demandas sociais e contextos concretos.

O artigo não objetiva uma discussão aprofundada nos elementos da extensão universitária, mas reconhece que as atividades extensionistas, como do curso descrito, são espaços para se refletir a pesquisa e o ensino em conjunto com a sociedade, reconhecendo as complexidades dos sujeitos e os problemas sociais. Neste sentido, compartilha-se com Cardôzo (2021), a perspectiva de resistência envolvida na pesquisa e na formação docente, especialmente, envolvendo as narrativas (auto) biográficas, que partem do subjetivo, das experiências e das memórias para a discussão de elementos sociais, caracterizando então, o duplo desafio heurístico de pensar a formação docente.

Em termos de organização do texto, para além das palavras iniciais e das considerações finais, o artigo se divide em três seções. A primeira tratará dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa (auto) biográfica. A segunda apresentará a descrição do curso de extensão e do questionário instrumento da pesquisa. A terceira já se

centrará na apresentação do perfil dos cursistas respondentes, suas respostas e algumas proposições analíticas coerentes com o referencial apresentado e as questões que emergiram no processo investigativo.

Narrativa (auto) biográfica como processo reflexivo-formativo

A narrativa permite pensar os caminhos que constituem os aspectos existenciais do sujeito, pois de uma forma múltipla, uma série de elementos são articulados para a sua composição, considerando as possibilidades sociais, históricas e de atribuição de novos significados. O processo de narrar escancara que fazemos história, que somos agentes, partes integrantes dos movimentos ao longo do tempo, o que permite que tomamos consciência do protagonismo das relações que desempenhamos. Assim, Delory-Momberger (2008) entendeu que é a partir das narrativas que nos apropriamos e que temos acesso mediado às histórias.

Neste sentido, a abordagem (auto) biográfica na educação pode ser compreendida como uma pesquisa-formação, já que o ato de narrar pode impor um processo reflexivo, que toca no entendimento de formação, além de representar um método, próprio para a proposição de investigações. Deste modo, Abrahão e Souza (2006) destacaram que as narrativas podem ser compreendidas como um fenômeno de relatar, como uma forma de investigar e como um processo de (auto) formação, de reflexão. Sobre isto, Josso (2006) e Bueno e colaboradores (2006) destacaram que as narrativas de história de vida, de formação e de trabalho, inspiradas nas contribuições das pesquisas em Ciências Sociais, agregaram para o campo educacional, contribuindo com novas formas de pensar a formação docente.

Souza (2011) a respeito dos aspectos supracitados, sublinhou que na década de 1990, no contexto brasileiro, as narrativas encontraram na expansão e na consolidação dos programas de pós-graduação e de grupos de pesquisas e estudos, uma via de pensar a formação dos professores a partir de suas histórias de vida, das suas memórias, dos seus trabalhos e das suas formações. Portanto, tais mudanças apontam para um cenário global de transformações epistemológicas que superam o modelo de racionalidade técnica na formação docente, que reconhece a importância da subjetividade nas construções da pesquisa e que focam qualitativamente nas experiências a partir de uma lógica de diálogo e das singularidades.

Deste modo, Delory-Momberger e Niewiadomsk (2009) apontaram que a característica central das (auto) biografias é a reunião da subjetividade reflexiva e que, em razão disto, pode oferecer elementos indícios e idiossincráticos acerca das trajetórias de vida, de formação e de trabalho dos sujeitos. Nesta perspectiva, Delory-Momberger (2008) reforçou que as narrativas apresentam recortes e organizações próprias dos sujeitos perante às memórias e aos contextos vividos, podendo negar, silenciar e/ou oferecer outros significados a determinadas passagens de vida.

Por isto, Souza, Blassiano e Oliveira (2014) destacaram que, em muitas vezes, as narrativas não seguem uma linearidade cronológica dos fatos, já que, os processos de

relatar, por recortes interessados e de memórias, refletem pontos que, por vezes são sensíveis e/ou preteridos na narrativa. Deste modo, concorda-se com Souza, Demartini e Gonçalves (2016), que as narrativas por serem carregadas e constituídas das marcas interessadas acerca da existência, acabam por este motivo, terem uma representação epistêmico-política que se compromete com as questões sociais da educação e da profissão docente, em suas variadas frentes de luta por melhorias objetivas na carreira e no trabalho.

Então, as narrativas possibilitam pensar sobre as reflexões acerca do sujeito na relação com os demais agentes e espaços, observando os modos como eles organizam e sistematizam interpretativamente as trajetórias de vida face ao mundo social. Deste modo, o método (auto) biográfico oferece possibilidades de pensar o contexto a partir do processo narrativo próprio do sujeito. Assim, Delory-Momberger (2011) compreendeu que as narrativas evidenciam as dinâmicas e as experiências de construção do sujeito nos espaços e nos contextos, possibilitando pensar nos processos de constituição e de aprendizagem.

Nesta perspectiva é que Josso (2002) refletiu que as narrativas têm um caráter de formação que colabora com as investigações. Cumpre destacar que, a ideia de formação se refere a um processo constante, em instituições e espaços (não) escolares, com a participação coletiva e marcada pelo desenvolvimento e pela aprendizagem pela vida. Assim, as narrativas são (auto) formativas, na medida que dialogam com os processos de construção das identidades e do ser professor. Portanto, as narrativas podendo ser considerada como fenômeno, método de pesquisa e processo (auto) formativo oferece um horizonte para refletir sobre as experiências, as memórias e os (des) caminhos que levaram o sujeito a estar naquela situação.

Pineau (2011) ressaltou que as narrativas possuem estreita relação com os cotidianos e com os contextos históricos vividos e produzidos, devendo ser reconhecidos e considerados na produção do conhecimento. Nesta direção, Delory-Momberger (2011), ressaltou que não se busca uma verdade absoluta e cartesiana nas narrativas, mas sim, observar como os sujeitos se constroem, se relacionam e significam os processos, as relações e os contextos que coproduzem. Para a autora (2011), o processo de biografização é que marca o protagonismo do sujeito diante da vida, propondo uma interface entre as singularidades e a coletividade.

Nesta direção, concorda-se com Cunha (2012) de que a narrativa marca os processos de constituição de si, com um olhar singular, que não exclui uma perspectiva para os outros, para o tempo, evidenciando um duplo movimento a alteridade e a reciprocidade na construção do sujeito. Tal processo encaminha para o que Passeggi e Souza (2017) defenderam ser a atitude dialógica de narrar a experiência para poder reinterpretar, reinventar.

Nesta perspectiva, como supracitado, as narrativas e os pesquisadores não buscam ou devem buscar balizas de uma verdade moderna e cartesiana, já que a narração da experiência, tomando o referencial de Larrosa (2002), evidencia o recorte pelo o que marca, atravessa, afeta. Além disto, Abrahão (2006) já refletiu que as narrações são seletivas e

reconstrutivas, no sentido de estarem imiscuídas às memórias do sujeito. Por isto, o que interessa ao pesquisador, são os movimentos de sistematização e de escolha ao narrar.

É importante fazer algumas distinções importantes. A primeira é que o trabalho com as narrativas (auto) biográficas não é análogo ao da ficção, em razão da presença do tratamento acadêmico e dos objetivos de pesquisa. Apesar que, inserido nos entendimentos epistemológicos da pesquisa narrativa, os componentes das imaginações histórica, memorial e sociológica, se fazem presente no momento da narração e, posteriormente na construção do conhecimento, diante algumas lacunas e hipóteses.

Outro aspecto que é relevante ressaltar, é que a vida é mais dinâmica que a escrita, e que o processo de narração media os variados elementos e os componentes vividos de uma forma inteligível. Ao fim, é interessante pensar que a escrita do conhecimento, de um modo geral, é marcada pela narratividade.

Apesar da escrita narrativa ter sido relacionada, por vezes, aos mitos fantásticos, as tradições orais e a configurações que não compartilhavam um estatuto científico e acabavam desvalorizadas, a ciência é socializada e organizada pela narrativa. Logo, mesmo que as narrações assumam entendimentos distintos, o que se partilha é que, a ciência não precisa abrir mão das narrativas para a sua construção, bem como, pode considerar as subjetividades e a imaginação dentro das lentes dos saberes técnicos. Esta é uma das contribuições epistemológicas da pesquisa (auto) biográfica.

Ricoeur (2006) e Rüsen (2009), mas detidamente no campo da História, por exemplo, refletiram sobre a memória e a narrativa no conhecimento histórico, como forma de relacionar a experiência e as esferas dos tempos presente, passado e futuro em reflexão diante do novo. Delory-Momberger (2008) reforçou dois aspectos importantes: o primeiro, é que o fato é distinto da narrativa; o segundo é que a narrativa, que é composta pelo fato, precisa ser interpretada, considerando o local de produção, os sujeitos, os contextos e os destinatários, por exemplo.

Por isto, Ricoeur (2006) tratou de uma identidade narrativa, que é uma forma de representar para si mesmo e para o outro, a partir de uma aprendizagem de narrar. Esta categoria da identidade narrativa é retomada para pensar como os sujeitos de modo geral, e os respondentes da pesquisa que se apresentará no artigo, organizam, significam e sintetizam suas narrativas, revelando um movimento processual de interpretação de si e do outro.

Logo, narrar é um processo consciente e intencional de refletir sobre as experiências e as memórias articuladas em um âmbito (auto) formativo. Destarte, os arranjos narrados concretizam, mesmo que mimetizados por outros sujeitos, tempos e espaços, uma perspectiva de que o narrador é autor, objeto e parte interpretante daquela história.

O trabalho (auto) biográfico para Delory-Momberger (2008) envolve características reflexivas e hermenêuticas, já que pensa a partir de uma dinâmica existencial particular, elementos coletivos e sinalizações das razões e das escolhas dos indivíduos por narrar daquela forma a história. Então, a proposta hermenêutica, também para Delory-Momberger (2008), foca nas intenções e nas interações dos sujeitos com os demais agentes e contextos, que socializam as narrações.

Novamente, para Delory-Momberger (2008), não se trata de propor uma apreensão total do sujeito ou ainda acessar os fatos narrados tais como divulgados, mas sim, observar como as interações com os demais sujeitos, tempos e espaços são mobilizados para a construção biográfica que enfatiza as experiências e as constituições de conhecimentos com base em si e nos outros. Logo, o trabalho (auto) biográfico envolve o narrador e o pesquisador em torno das histórias narradas que organizam um processo de compreensão de um dado fato, a partir de uma dinâmica que se inicia no interior em direção ao todo coletivo.

Sobre isto, Ferrarotti (2010) compreendeu que as narrativas propõem um movimento de práxis individual perante dimensões sociais e históricas, que possibilitam o próprio sujeito e o outro que escuta, experimenta contextos e elementos que nos constituem biograficamente. Para Delory-Momberger (2008), a reflexividade se dá tanto na narrativa de quem conta, como na relação dialógica de quem escuta e pesquisa, não precisando de intervenções e/ou interrupções diretas, para que o outro se implique e estabeleça relações mútuas. Ao fim, o debate sobre a reflexão das experiências se conecta com a proposta da pesquisa-formação, já que o processo narrativo possibilita a reconstrução dos conhecimentos e a proposição de investigações.

Dentro de cada escopo de pesquisa, existem objetivos e diálogos com a literatura especializada que são preconizados, mas é interessante pensar que, as próprias narrativas oferecem uma série de dimensões e de desdobramentos que escapam de uma proposta original, mas que são amplamente ricas em análises e que, a depender dos contextos, podem ser integradas nas investigações. Isto é posto, pois o pesquisador busca meta narrativas, com compreensões, que são limitadas, mas que almejam um avanço nas discussões.

Por isto, Abrahão (2011) sinalizou que o trabalho com emoções e subjetividades precisam ser entendidos dentro do seu inacabamento e das possibilidades de reconstrução, tendo especial cuidado com as relações gerais e objetivas que estas singularidades apontam em meio ao que é social e coletivo. Assim, o contato com as narrativas deve considerar uma transversalidade dos fatores que os clivam, dos significados e sentidos atribuídos, reconhecendo tanto ponto de toque, como pontos de distanciamento entre as narrativas e os demais sujeitos, contextos e tempos.

Caracterização do curso de extensão e do instrumento de pesquisa

A presente seção trará uma descrição dos aspectos organizacionais do referenciado curso de extensão, trazendo as informações próprias dispostas em seu programa, por isto, as transcrições seguem entre aspas com a indicação dos produtores da sistematização, autores do presente artigo. Neste sentido, o curso teve carga horária de 32 horas, sendo 16 horas de encontros síncronos e online e a outra metade do tempo era reservada para os estudos de forma assíncrona. Foi utilizada a plataforma *Google Meet* para a realização dos encontros, em razão da possibilidade institucional e da avaliação de que o recurso seria adequado para a proposição.

O curso trouxe como ementa os seguintes destaques: “As narrativas como dispositivo para os estudos acerca do professor. As narrativas como processos de formação e investigação. Aspectos metodológicos e formativos em estudos com professores: Histórias de Vida, (Auto) biografias, Narrativas, História Oral, Memórias e Diários”. O objetivo geral do curso foi de “Identificar contribuições das narrativas docentes como suporte metodológico nas pesquisas em educação e, em especial, com histórias de vida e relatos biográficos de professores/as”. Já como específicos, o curso se propôs: “Apresentar as categorias de identidade, saberes, aprendizagem e desenvolvimento da docência que compõem o campo da formação de professores; Situar os principais aspectos da pesquisa (auto) biográfica como abordagem qualitativa; Introduzir o debate sobre a narrativa e sua relação com a experiência”.

Em termos de uma dimensão metodológica, o curso privilegiou uma exposição dialogada das temáticas, a qual o mediador fazia uma breve exposição dos autores e das temáticas discutidas no encontro e abria, após um breve intervalo, para a discussão com as falas dos cursistas e demais ponderações. A avaliação do curso, para além de um percentual de presença mínimo de 75%, o que equivalia a seis, dos oito encontros e atendia a exigências institucionais e o planejamento proposto, foi considerada a participação dos estudantes e a entrega de um relato de experiência, como forma de exercer uma produção que dialogasse com as temáticas do curso. No programa da atividade de extensão foram dispostas referências de relatos de experiência e foram apresentados os critérios de avaliação e as normas de produção, em consonância com as disposições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), no tocante ao tipo de trabalho científico, formatação e referências.

Sobre o conteúdo programático, ele foi dividido em três eixos temáticos. Sendo o primeiro denominado “Pesquisa (auto) biográfica: dimensões epistemológicas da pesquisa qualitativa” e se debruçava no “estudo de Narrativas em Educação: como fenômeno que se investiga, como método de investigação e como dispositivo de pesquisa-formação de professores. A (Auto) Biografia e a Escrita de si: questões teórico-metodológicas”. Já o segundo nomeado de “Experiências, Memórias e Processos formativos” se ocupou de pensar “Os limites da experiência. Memórias e formas de narrar o eu. Entre transformação, (auto) formação e emancipação”. Por fim, o terceiro eixo foi caracterizado como “Processos metodológicos nas pesquisas (auto) biográficas” e refletiu sobre as “Fontes nas pesquisas (auto) biográficas. Desenhando pesquisas: modos de fazer. Os limites da interpretação e da análise. Relatos de experiências em investigação”.

Com relação aos oito encontros do curso, é interessante fazer um breve arrazoado das temáticas e das discussões empreendidas, tendo em vista os eixos temáticos e os assuntos já apresentados. No primeiro encontro, foi disposto o programa do curso, que já havia sido enviado por meio de *e-mail* para os inscritos e feito os principais combinados dos temas, das atividades, da avaliação e das metodologias que seriam empregadas. Cumpre sublinhar que todo o material de leitura foi disponibilizado eletronicamente para todos os estudantes inscritos, dias antes do início do curso.

Na primeira aula também foi iniciada uma apresentação dos pressupostos epistemológicos da pesquisa educacional de abordagem qualitativa, que seguiu no segundo encontro, em conjunto com o início da discussão metodológica da pesquisa (auto) biográfica. O segundo encontro introduziu os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa (auto) biográfica e das narrativas como objeto, método e dispositivo de pesquisa-formação. Cumpre sublinhar que o segundo encontro foi marcado pela discussão dos textos de Delory-Momberger (2012) e Rodrigues, Oliveira e Santos (2021) e que a proposta do curso foi de se iniciar um debate metodológico acerca do tema, para depois vislumbrar exemplos e aplicações.

No terceiro encontro, a discussão do texto de Delory-Momberger (2012) foi continuada, em conjunto com o texto de Passeggi (2016), com as temáticas principais das experiências, memórias e processos formativos. O quarto encontro pensou os processos de (trans) formação envolvidos nas memórias e nos modos de narrar, com base no texto de Abrahão (2011). O quinto encontro retornou com a discussão teórico-metodológica da pesquisa narrativa e de suas fontes, com base nas produções de Josso (2007) e de Passeggi, Souza e Vicentini (2011).

No sexto encontro, foi o momento que se pensou, com o exemplo de excertos da pesquisa do primeiro autor (Derossi, 2021), formas de se desenhar a pesquisa narrativa (auto) biográfica, modos de interpretação e de produção de dados, com ênfase na entrevista narrativa, que foi utilizada na dissertação em questão. Assim, além da pesquisa citada, foi utilizada a leitura de Jovchelovitch e Bauer (2002), para pensar tal instrumento de pesquisa, a saber: a entrevista narrativa. O sétimo encontro também utilizou de parte da pesquisa do primeiro autor (Derossi, 2021) para pensar nos conceitos de identidades, aprendizagens, saberes e desenvolvimento profissional. A apresentação das categorias encaminhou como uma possibilidade, dentre o horizonte diverso de pesquisas e de aberturas interpretativas das narrativas, para se pensar a investigação educacional, a partir do que se emerge das narrativas, no caso específico, da dissertação apresentada.

O último encontro serviu como um balanço do curso, o qual os cursistas que se sentiram à vontade, narraram suas experiências com o espaço formativo, além de comentarem sobre os temas desenvolvidos no trabalho final. No mesmo dia, foi enviado um questionário de avaliação do curso e de perfil dos alunos que será apresentado a seguir, em seus aspectos estruturais. Vale destacar, ao fim, que na seção que segue, serão apresentados as narrativas e o perfil das alunas que responderam o questionário, com algumas possibilidades analíticas.

Escrevendo sobre a estrutura do curso e sobre os instrumentos de pesquisa, podemos rememorar e pensar as expectativas que tivemos e as possíveis correspondências, nos sentidos da participação, da execução e do desenvolvimento das atividades. Experimentamos momentos mais solitários e silenciosos, embora a constante movimentação pela participação dos cursistas que, por motivos variados, participavam ora mais, ora menos. Mas, com certeza, quando os alunos realizavam um exercício de comparação das temáticas com as próprias trajetórias e socializavam para os demais, enquanto educador, o sentimento de missão cumprida inundava o coração. Pensamos que,

em meio a um processo de escolha e seleção de textos e temas para a discussão, que revela um certo grau de violência simbólica, o nível de satisfação diante da experiência revela uma positividade, na medida em que o relacionamento entre todos pode ser estabelecido.

Sobre o questionário, é importante que em primeiro plano, se justifique a sua escolha como instrumento de pesquisa, no sentido que se observou sua adequação quanto a proposta de se pensar a produção acerca das informações do perfil dos cursistas, bem como, suas impressões acerca do curso e da temática desenvolvida. O questionário foi montado com a ferramenta *Google Forms*, em razão do acesso e da adequação para a proposição.

Outro ponto relevante é que, logo na abertura do formulário eletrônico, existia a apresentação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que explicava a finalidade do questionário, que não era obrigatório sua resolução, que resguardaria todos os princípios éticos de pesquisa com seres humanos e que não causaria nenhum tipo de prejuízo ou benefício a quem respondesse ou não. Nesse sentido, quem marcasse a ciência com os termos, seria encaminhado para as questões. Caso contrário, o formulário já se fechava com uma mensagem de agradecimento.

O questionário foi composto por 33 questões, sendo 18 relativas ao perfil do respondente, portanto, sobre suas características sociais, fenotípicas, de formação e de trabalho. As 15 perguntas restantes foram em relação ao curso e as temáticas desenvolvidas. Vale destacar que todas as perguntas sobre o curso e o tema foram abertas, discursivas, e versavam desde o processo de conhecimento sobre a oferta do curso, aos saberes prévios, aos interesses e a avaliação das atividades. Já as questões sobre o perfil dos participantes, do total de 18, apenas 5 foram abertas, e o restante foi fechado.

Cabe sublinhar que, o artigo fará uma opção por paráfrase das respostas abertas dos estudantes, por algumas razões. A primeira, em função das respostas serem curtas, embora o espaço tenha que tenha sido aberto para a resolução seja o denominado “resposta grande” do formulário. Em segundo plano, se propõe um agrupamento das questões e das percepções, de forma também que se garanta o anonimato e a expressão mais geral das narrações.

O detalhamento das questões, em razão das respostas dos participantes, será feito na seção que segue, com algumas possibilidades analíticas. Um dado que se destaca é que, a apresentação das informações corresponde ao número de 6 respondentes do formulário, o que equivale a um terço dos concluintes do curso.

Na presente seção, também é importante marcar que, em termos de análise, foi seguida a proposição compreensivo-interpretativa de Souza (2014), que se divide em 3 etapas. A primeira, envolvida com a produção e o reconhecimento do material produzido. A segunda, já começa a elaborar possibilidades teórico-metodológicas de interpretação acerca da narrativa com os referenciais e objetivos traçadas. E a terceira e última é a produção do texto de pesquisa, que une as fases anteriores, com a proposição de algumas possibilidades heurísticas frente aos dados produzidos. A inspiração de Souza vem de Ricoeur (1994) na proposição de se pensar as narrativas em 3 tempos. O movimento

apresentado no artigo e principalmente, na seção seguinte, aponta para a apresentação dos dados, de modo descritivo, seu paralelismo com o referencial adotado e as proposições de análise que se entrecruzam as narrativas dos próprios autores.

Reflexões sobre/das alunas do curso e suas narrativas

A seção apresenta uma análise baseada em Souza (2014), que primeiro apresentará descritivamente os dados produzidos. Em seguida, apontar-se-ão os principais indicativos do referencial teórico com o perfil e as impressões das respondentes. Ao fim, propor-se-á um movimento de análise, com base no referencial e em questões que emergiram no contexto próprio dos dados, a partir de um recorte coerente com os objetivos do artigo.

O formulário, com base nas respostas registradas, foi respondido por 6 mulheres, cisgêneras, de expressão de gênero e sexo biológico femininos. Sobre as idades das participantes, pode-se observar um espectro ampliado, uma vez que, as cursistas tinham: 21, 26, 45, 71 e 2 com 41 anos. Dentre as respostas, 5 se autodeclararam pardas e 1 branca. Com relação a orientação afetivo-sexual, 5 se declaram heterossexuais e 1 se declara bissexual. 3 participantes se declaram solteiras, 2 casadas e 1 divorciada, quanto ao estado-civil. 3 alunas declararam que possuem filhos e outras 3 declararam que não possuem.

Com relação a localização geográfica das respondentes, 1 do estado do Ceará, 1 do estado do Piauí, 2 do estado de Goiás, 1 do estado do Mato Grosso e 1 do estado do Rio Grande do Sul. Os estados não necessariamente são de origem, mas sim, de onde elas fixam residência. Isto também, é indicioso para pensar que o curso conseguiu abranger outras regiões, para além do estado da instituição promotora, em razão de ter sido realizado em formato online.

Sobre a situação profissional, 3 declararam estar em exercício, 1 aposentada e 2 que não trabalham. Com relação a faixa salarial e renda da família, 2 declararam ser menor ou igual a um salário mínimo, 2 afirmaram estar entre 3 a 5 salários mínimos e outras 2 como mais de 5 salários mínimos. Sobre a atuação profissional da docência, a cursista aposentada declarou que atuou no ensino superior, nos níveis de graduação e especialização. Já 2 cursistas afirmaram que não atuam no momento. 1 cursista atua no ensino superior, outra no ensino fundamental e 1 no ensino médio e ensino superior. Sobre a natureza da instituição que trabalham, além das 2 respondentes que não atuam, as 4 cursistas afirmaram trabalhar e/ou ter trabalhado em instituições públicas, quer sejam municipal, estadual e federal. Com relação ao vínculo de trabalho, para além das 2 cursistas que não atuam no momento, 3 são concursadas e 1 é concursada e contratada, nas instituições diferentes que trabalha.

Quanto a realização do curso normal/magistério, concomitante ao ensino médio/segundo grau, 5 participantes afirmaram ter cursado e 1 sinalizou que não. Ainda sobre a escolarização básica, 5 cursistas registraram a realização integral dos ensinos fundamental e médio em instituições públicas e 1 em instituição privada.

Para o início da caracterização da escolarização no ensino superior, apenas 1 é estudante de licenciatura em Pedagogia, sendo as demais já formadas em licenciaturas em: Matemática e Letras como uma resposta e 3 alunas já formadas em Pedagogia. Com relação a formação continuada, para além da estudante em formação inicial, uma outra participante registrou que não possui nenhum outro curso. 2 respondentes registraram mestrado, uma em Educação e outra em Letras, uma cursista declarou 3 especializações na área de Matemática, mestrado em Ciências e Matemática e que estava cursando o doutorado na mesma área. E uma aluna afirmou que possui uma segunda licenciatura em Artes, com 5 especializações na área da Educação, mestrado em Educação e que estava ingressando no doutorado em Educação.

Terminada a caracterização do perfil das respondentes, segue-se para as questões relativas ao tema e ao curso, a partir da percepção e das narrativas das sujeitas. Sobre a relação das cursistas com a temática, 1 aluna respondeu que foi motivada pela curiosidade e as outras 5, com variadas nuances, destacaram como ponto comum, a mobilização do estudo para a formação enquanto pesquisadoras, seja tanto para projetos futuros, ou como 2 destacaram para a finalidade de desenvolvimento no doutorado.

As 6 estudantes informaram que ficaram sabendo da realização do curso por meio de divulgação eletrônica. As cursistas também avaliaram a realização do curso que, de modo geral, foram elogiosas quanto ao processo de desenvolvimento da atividade, tendo 1 aluna sugerido a gravação e disponibilização do curso online. Apesar das respondentes não terem destacado aspectos negativos com relação ao curso que foi realizado à distância, considera-se como Vasconcellos-Guedes e Guedes (2007), que o curso online e que emprega questionários eletrônicos carrega particularidades e impõe limites e possibilidade aos envolvidos. Por falta de recursos e planejamento prévio, o curso não foi gravado. As alunas também demonstraram, de modo geral e com certa unanimidade, que estavam satisfeitas com o papel do mediador do curso, com as metodologias, com a disposição das aulas e que fariam e que indicariam outro curso do gênero para colegas e conhecidos, em razão da qualidade destaca por elas.

O formulário também contemplou um aspecto de auto avaliação das estudantes, no sentido da participação e do cumprimento das atividades propostas. Ambas julgaram, de modo geral, a participação como positiva durante o curso, fazendo ressalvas quanto as justificativas críticas de suas próprias rotinas e/ou ainda de encontros que precisaram se ausentar. Com relação a avaliação que as cursistas fizeram sobre a atividade final, que foi sobre um relato de experiência, ambas consideraram como positivas, tendo 2 que destacaram de como a proposição requereu um exercício de responsabilidade e de reflexão diante das próprias trajetórias.

As 4 últimas questões do formulário giravam em torno das avaliações que as estudantes faziam após o término do curso. Assim, a primeira questão perguntava como elas avaliavam a participação no curso, em função do seu caráter formativo. Ambas, afirmaram que consideraram que saíram melhores, com uma outra perspectiva de observar a vida, tendo uma, observado que se ela já conhecesse anteriormente o referencial teórico, poderia ter se apropriado melhor dele. A segunda questão versava sobre o processo de

aprendizagem delas com relação ao tema do curso. Novamente, pode-se dizer que foi unânime, entre elas, a declaração positiva acerca do aprendizado sobre as narrativas (auto) biográficas, tendo ressalvas já apresentadas, quanto a questões de rotina e de dedicação ao tempo de estudo do curso que, por vezes, se impõem sobre as vontades.

A terceira era relativa a avaliação das cursistas sobre a apresentação das categorias trabalhadas no curso em relação ao método (auto) biográfico, que foram: experiência, formação, identidades, saberes, desenvolvimento e aprendizagem. As cursistas sinalizaram que as relações, embora breves, foram bem conectadas e apresentadas no curso, com possibilidades de avaliação dentro das narrativas. A última questão, que não era uma pergunta em si, deixava um espaço para a reflexão final acerca da participação no curso. E a tônica foi de agradecimento e de oportunidade de articulação das discussões teórico-metodológicas com os projetos e demandas próprias.

Realizado um apanhado descritivo do formulário com ênfase nas respostas dadas, parte-se para alguns apontamentos analíticos que, dentre a miríade de possibilidades que se apontam no horizonte, algumas serão retratadas. Em primeiro plano, é interessante compreender o questionário, como uma espécie de meta texto que, embora suas limitações e características, permite perceber o movimento de reflexão subjetiva, memorialística das respondentes e o cruzamento com os aspectos objetivos e sociais amplos. Vale destacar que a escolha do formulário segue uma perspectiva de Nash (2002) e de Collins (2000), no sentido de um uso qualitativo deste instrumento nas pesquisas em ciências humanas, alinhadas com os objetivos e questões que norteiam as investigações. Embora, as narrativas não tenham sido trazidas na sua integralidade, e feito a opção pela paráfrase, integrando os sentidos, na (auto) avaliação e na atribuição de valores feitas durante o questionário, o movimento de caminhar para si, de partir das suas singularidades para um contexto social, pode ser percebido.

Vale destacar que, mesmo com um instrumento um pouco mais reduzido na perspectiva da produção de dados narrativos, frente a outras possibilidades, as respondentes exerceram um percurso de biografização das vidas, das trajetórias e das experiências, uma vez que, a montagem de um perfil e do depoimento das impressões do curso, envolvem um processo de memória e de seleção de construção do sujeito. Para além disto, percebe-se um movimento de constituição das identidades, uma vez que, no processo de responder o questionário, se decide quais identidades são para si e quais identidades são partilhadas, para o outro. Isto também é posto, no entendimento resistente de buscar um curso formativo, estar disposta a aprender e pensar que os conteúdos das atividades de extensão poderiam contribuir com suas práticas cotidianas e/ou pesquisas de pós-graduação.

Outro ponto que merece destaque, que foi a tônica proposta para se perceber as narrativas (auto) biográficas, foi a do empoderamento e da resistência (Cardôzo, 2021; Souza; Balassiano; Oliveira, 2014; Delory-Momberger; Niewiadomsky, 2009) que se deram em múltiplas esferas. Primeiramente, discutir sobre narrativas (auto) biográficas que fazem uma crítica e uma estruturação ao movimento moderno, cartesiano e positivista de ciência,

já é uma resistência significativa, uma vez que, a aposta (auto) biográfica é política, decolonial e contrária ao caráter disciplinar moderno (Passeggi; Souza, 2017).

Outra questão que é significativa foi, a maioria das cursistas e a totalidade das respondentes do formulário, serem mulheres. Não foi objetivo do artigo, propor discussão quanto a esta categoria, mas em razão da emergência dos dados do questionário, não se pode esquecer que vivemos em uma sociedade violenta, desigual, machista, misógina e que nega, que apaga e que delega todo trabalho de cuidado, doméstico das/às mulheres, além de ser maioria da população brasileira, possuir maior escolaridade e ter seus direitos constantemente atacados e questionados (Hirata, 2020; Davis, 2016; Safiotti, 2013; Scott, 1990). Pode-se pensar ainda que, até que ponto, a maior presença feminina não reproduz uma ideia histórica de feminilização da docência (Vianna, 2006; Hilsdorf, 1999; Louro, 1989), uma vez que, a mulher só cabia o espaço do cuidado. Vale destacar que, não se nega a dimensão do cuidado relacionado à docência, mas, sublinha-se que a docência não é só cuidado, pois é uma profissão e exige formação.

Como relato pessoal, podemos perceber que por várias vezes durante o curso, alunas foram interrompidas, pediam desculpas ou ainda desligavam seus microfones e câmeras para atender às demandas de filhos e de crianças que estavam em suas responsabilidades. Ou ainda, justificavam faltas em razão do acompanhamento dos filhos em atividades médicas e escolares. Os avanços não podem ser negados com relação à condição feminina na sociedade, mas ainda, existe muita luta e muito pelo o que se avançar ainda.

A resistência é destacada, neste caso, em razão de que, mesmo sendo mulheres, que historicamente acumulam uma série de funções não reconhecidas e remuneradas e, em seus cotidianos, serem afetadas, em maior ou menor grau, por violências diversas, continuaram resistindo, na formação, no desempenho das atividades, em busca do processo contínuo de pesquisa e de conhecimento.

Um outro elemento que se destaca na análise é a importância e a relevância entendida de espaços como os cursos de extensão possuem para a formação docente, expressadas pelas motivações e interesses das estudantes e como já apontado pela literatura (Manchur; Suriani; Cunha, 2013). Para além disto, a temática das narrativas (auto) biográficas, apresentam um duplo movimento heurístico, já que refletem uma forma distinta de estruturação das pesquisas e do conhecimento científico, que partem do subjetivo, das memórias como ponto de partida para a reflexão geral (Abrahão; Souza, 2006).

As respostas do formulário também encaminham uma possibilidade de pensar aspectos teóricos trabalhados no curso a partir dos relatos das participantes. Então, tomando em consideração premissas como de Tardif (2014, p. 53) que “a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão”, o curso de extensão pode ser pensado como espaço de aprendizagem e de construção de saberes da docência. Ainda sobre a aprendizagem, com maior especificidade, compreendendo como Mizukami e colaboradoras (2002, p. 31) que ela é “permanente, que considera os saberes e as competências docentes como resultados não só da formação profissional e do exercício da docência, mas também de

aprendizagens realizadas ao longo da vida, dentro e fora da escola”, a atividade de extensão novamente é alçada como uma possibilidade de se aprender, construir e se apropriar dos conhecimentos.

As considerações das professoras no formulário quando destacaram o desejo formativo como pesquisadora e os estudos para o doutorado, por exemplo, encaminharam para um entendimento tanto da formação das identidades e da socialização profissional, revelando o percurso contínuo de ser professora (Iza *et al.*, 2014). Para além disto, as cursistas firmaram um compromisso reflexivo e de desenvolvimento profissional, à medida que, pensam a formação em um sentido amplo e contextualizado com as práticas de investigação e de trabalho (Garcia, 2009).

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo compreender e analisar a experiência de um curso de extensão sobre narrativas (auto) biográficas, a partir das impressões das cursistas, refletindo sobre os aspectos formativos da experiência. Para tanto, a partir de uma perspectiva de abordagem qualitativa e de naturezas bibliográfica, descritiva e de campo, o texto se baseou na literatura especializada para propor os principais apontamentos acerca das (auto) biografias na pesquisa educacional e os seus sentidos com a formação, com a experiência e com o trabalho. Para além disto, o artigo fez uma descrição detalhada acerca dos elementos de estruturação do curso, do instrumento questionário que possibilitou a construção dos dados e do perfil das cursistas, com alguns indicativos analíticos.

Neste sentido, partindo de uma ideia de resistência, uma vez que, o trabalho com as narrativas (auto) biográficas se inserem em uma proposta epistêmico-política, decolonial e pós-disciplinar que é antagônica aos sentidos modernos, cartesianos e positivistas de ciência. O movimento de ouvir as vozes veladas, como as dos professores, reforça a produção do conhecimento com os sujeitos e reconhece o protagonismo e agência deles. Neste sentido, refletir com as narrativas (auto) biográficas, mais que o reconhecimento de uma forma de fazer pesquisa, é pensar na miríade de possibilidades que os relatos enquanto objeto de estudos nos permite propor. Ao fim, ouvir e narrar em um mundo intolerante, extremista e bélico, carrega também consigo uma prática de resistência.

Na continuidade do artigo, as propostas teórico-metodológicas das narrativas (auto) biográficas foram apresentadas, destacando seus aspectos de resistência, enquanto comprometimento social da ciência, como também, seus elementos epistêmicos implicados com a pesquisa educacional. O texto seguiu com uma descrição adensada da proposta do curso de extensão, com base no programa analítico das atividades e propôs uma discussão que apresentasse e justificasse o uso do questionário como instrumento de construção dos saberes na proposta investigativa.

Na seção seguinte do texto, o perfil e as respostas das cursistas foram apresentadas para se poder subsidiar uma proposta analítica. Cumpre ressaltar que, as análises empreendidas se relacionam com o objetivo e com as questões levantadas no presente texto, podendo outras interpretações serem feitas, com a disposição de outros referenciais. Vale também sublinhar que, para além dos dados destacados e da temática proposta, a

emergência da condição feminina das respondentes, fez suscitar uma breve consideração acerca dos aspectos do gênero na produção.

As cursistas possibilitaram pensar a criação das identidades de si, nas respostas, quando enfatizaram um movimento de busca contínua de formação e de apoio nas discussões para o seu trabalho e para o desenvolvimento das pesquisas próprias. Além disto, através do processo de recontar e de selecionar memórias, experiências e trajetórias, compuseram uma biografização de si, dada objetivamente em seu perfil, como também, nos entendimentos acerca do curso. A proposição de compreensão e interpretação dos dados produzidos, alinhavados com a discussão teórica, possibilitaram tramar um caminho de análise do questionário. E, por fim, novamente, a ideia de resistência corrobora um movimento duplo, das cursistas e dos autores do texto, em produzir e buscar formação acerca da pesquisa narrativa (auto) biográfica, que como já dito, se pratica e se produz, fora dos moldes hegemônicos de ciência.

Dentro da estruturação do curso, que se deu na modalidade remota, com momentos síncronos e assíncronos, com leitura, debate e entrega de um relato de experiência final que dialogasse com os referenciais do curso, as respondentes consideraram, de um modo geral, como apresentado, uma possibilidade de refletir sobre as experiências e memórias e de contribuição para a constituição profissional de docente e de pesquisadora delas. Ao fim, o artigo sinalizou para o potencial temático das narrativas e das atividades extensionistas para a formação docente.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memoriais de formação: a (re) significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, 2011.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; SOUZA, E. C. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/1996**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

BUENO, B. O.; CHAMLIAN, H.; SOUSA, C.; CATANI, D. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago., 2006.

CARDÔZO, L. dos S. **Resistências fragmentadas**: os sentidos do trabalho nas (auto) biografias de professores de história da rede pública estadual do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

COLLINS, R. Situational Stratification: a micro-macro theory of inequality. **Sociological Theory**, San Francisco, American Sociological Association, v. 18, n. 1, p. 17-43, mar. 2000.

CUNHA, R. L. Pesquisas com (auto) biografias: interfaces em tempos de individualização. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B.; PASSEGGI, M. C. (orgs.). **Dimensões Epistemológicas e Metodológicas da Pesquisa (auto) biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRN, 2012, p. 95-114.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. *In*: SOUZA, E. C. (org.). **Memória, (auto) biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 43-58.

DELORY-MOMBERGER, C.; NIEWIADOMSKY, C. **Vivre-Survivre**: Récits de résistance. Paris: Téraèdre, 2009.

DEROSSI, C. C. **Desenvolvimento profissional e aprendizagem da docência na supervisão do estágio curricular em História**: narrativas de professores da Educação Básica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e formação**. Natal. UFRN: EDUFRN, 2010. p. 39-45.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GARCÍA, C. M. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Revista de Ciências da Educação**, n. 8, jan./abr. 2009.

HILSDORF, M. L. S. **Tempos de escola**: fontes para a presença feminina na educação, São Paulo - século XIX. São Paulo: Plêiade, 1999.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, **Revista de Sociologia da USP**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2020.

IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E.V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

JOSSO, M. C. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. *In*: ABRAHÃO, M. H. M. B.; SOUZA, E. C. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 21-40.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.1, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr.2002.

LOURO, G. L. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 14, n. 2, jul./dez. 1989, p.31-9.

MANCHUR, J.; SURIANI, A. L. A.; CUNHA, M. C. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista conexão UEPG**, Ponta grossa, v. 09, n. 2, pp. 334-341, jul./dez. 2013.

MENESES, J. M.; SOUZA, E. da S. Extensão e (auto) biografia no Curso de pedagogia da UVA na pandemia. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–11, 2022.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A.; REYES, C.; MARTUCCI, E.; LIMA, E.; TANCREDI, R.; MELLO, R. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MORETTI, C. Z. Resistência (verbete). *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 592.

NASH, R. Numbers and narratives: further reflections in the sociology of Education. **British Journal of Sociology of Education**, v. 23, n. 3, p. 397-412, 2002.

NEVES, J. G. Cultura Escrita e Narrativa Autobiográfica: Implicações na Formação. *In*: CAMARGO, M. R. R. M.; SANTOS, V. C. C. (orgs.). **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 123-140.

PASSEGI, M. da C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-86, abr. 2011.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O movimento (auto) biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, v.2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PINEAU, G. Histórias de vida e alternância. *In*: SOUZA, E. C. de (org.). **Memória, (auto) biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 25-40.

RICOEUR, P. **O percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, P. **O tempo e a narrativa**. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1994.

RODRIGUES, T.; OLIVEIRA, G.; SANTOS, J. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163-209, 2009.

SAFIOTTI, H. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SOUZA, E. C. de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, 2011.

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA, E. C. de; BALASSIANO, A. L. G.; OLIVEIRA, A. M. **Escritas de si, resistência e empoderamento**. Curitiba: CRV, 2014.

SOUZA, E. C. de; DEMARTINI, Z. B. F.; GONÇALVES, M. (Orgs.). **Gênero, diversidade e resistência**: escritas de si e experiências de empoderamento. Curitiba: CRV, 2016.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VASCONCELLOS-GUEDES, L.; GUEDES, L. F. A. E-surveys: Vantagens e Limitações dos Questionários Eletrônicos via Internet no Contexto da Pesquisa Científica. *In*: **X SemeAd - Seminário em Administração FEA/USP** (São Paulo, Brasil), 2007.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos PAGU**, Campinas, SP, n. 17/18, p.81-103, 2006.

Caio Corrêa Derossi

Mestre em Educação (2021) e Licenciado em História (2018) ambos pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É especialista em Docência com Ênfase na Educação Básica (2022) pelo Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Estado de Minas Gerais (IFMG), em Docência e Prática de Ensino em História (2022) pela UniAmérica/Faculdade Descomplica e em Supervisão e Inspeção Escolar pela Faculdade Focus. Atualmente curso Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), de modo semipresencial pelo Consórcio CECIERJ. Foi aluno-pesquisador e bolsista (2013-2014) de pré-iniciação científica pelo projeto Jovens Talentos para a Ciência da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Foi bolsista Capes/CNPq (2017-2018), do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Foi membro fundador e foi Diretor de Gestão de Pessoas da ConHis (Consultoria em História), Empresa Júnior de História da UFV (2017-2018). Representante Discente (2017-2018) da Comissão Coordenadora do Curso de História da UFV. Foi Monitor Bolsista Níveis I e II (2018-2019) das áreas de Psicologia e de Fundamentos do Departamento de Educação da UFV. Realizou Estágio em Docência durante o mestrado (2019) na disciplina de Avaliação do curso de Pedagogia da UFV. Integra os seguintes grupos de estudos e pesquisas registrados no Diretório do CNPq: Interpretação do Tempo: ensino, memória, narrativa e política (iTemnp - UFPA); Laboratório de Pesquisas em Teoria da História e Interdisciplinaridades (LAPETHI - UFRRJ), do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto) biográficas (GEPAS - UVA - Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e do Grupo de Pesquisa Vivências e Didáticas Autorais (VIDA - UFF). Têm interesse nas áreas: Formação de Professores, Formação Continuada, Desenvolvimento Profissional da Docência, Aprendizagem Docente, Socialização Profissional da Docência, Narrativas e História da Educação.

Andrea Abreu Astigarraga

Possui Graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria - RS (1993), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1997) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2006), Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010). Atualmente é professora associada na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação infantil, infâncias e juventudes, narrativas e pesquisa (auto)biográfica. É coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas (auto)biográficas - GEPAS. É conselheira administrativa da Associação Norte-Nordeste de Histórias de Vida e Formação - ANNHIVIF.